

Faltam três edições para o Linha Viva chegar ao número 400. Este é um feito muito importante do movimento sindical dos eletricitários de Santa Catarina. Uma vitória assim é claro que deve ser festejada. E, como presente para nossos leitores, a partir da 400ª edição, o Linha Viva apresentará um novo visual, mais dinâmico, que certamente agradará a todos. Fique atento.

LINHA VIVA

Nº 397
06/02/97

Inicia hoje, com a orientação da cantora Cibele Oliveira, e continua nos dias 13, 20 e 27 de fevereiro, uma oficina para os interessados em descobrir e/ou aperfeiçoar sua expressão corporal e vocal. A oficina é promovida pelo Sinergia, em cujo auditório acontecerão os trabalhos, sempre no horário das 19h às 20h 30min, a um custo de R\$ 5,00 (para eletricitários associados) e R\$ 20,00 público em geral.

Eletrosul

DE OLHO EM FURNAS

A quarta-feira da semana passada, dia 29 de janeiro, foi um dia de muita expectativa para os eletricitários de todo Brasil. A intenção do governo FHC era promover neste dia a cisão de Furnas Centrais Elétricas, a maior e principal empresa de geração do país. Pretendia o governo, através da aprovação na assembleia de acionistas que ocorreria naquele dia, transferir os ativos das usinas nucleares de Angra I e II para a Eletrobrás, tornando a privatização de Furnas ainda mais atrativa para o capital internacional.

Para entender melhor o que está em jogo - A transferência do acervo nuclear tem por objetivo reduzir o endividamento de Furnas de 16% para 9% do patrimônio líquido, avaliado hoje em R\$ 12 bilhões. Com esta manobra "o governo estaria matando dois coelhos com uma cajadada só", comenta Mauro Passos, diretor do Sinergia, que estava no ato contra a cisão de Furnas realizado naquele dia 29. "O patrimônio da empresa cairia para R\$ 7 bilhões,

facilitando com isto a venda e acabando com o impedimento legal da privatização das usinas nucleares (que a Constituição Federal não permite)".

Para Mauro existe um paralelo entre o que está acontecendo com Furnas e o que acontecerá com a Eletrosul. "No nosso caso, em vez das usinas nucleares, o entrave são as usinas térmicas a carvão. Estas usinas, sabidamente, pelo seu alto custo de geração, não despertam o interesse do capital privado. Jorge Lacerda, por exemplo, prestes a ser inaugurada, já consumiu R\$ 1,3 bilhões, a valores de dezembro/1995. É com certeza a usina térmica a carvão mais cara do mundo. O custo de geração desta usina, para remunerar o investimento feito, supera a casa dos R\$100,00/mwh. O preço da energia cobrado pela Eletrosul para as distribuidoras estaduais se situa na faixa dos R\$ 30,00/mwh, o que nos permite afirmar que numa eventual privatização da Eletrosul, as usinas térmicas também serão expurgadas do ativo da empresa, para facilitar sua venda. Portanto é funda-

mental acompanhar passo a passo o que está se passando em Furnas e envidar todos nossos esforços políticos, jurídicos e de esclarecimento à sociedade, de mais esta vergonha que o governo FHC está promovendo".

Na esfera do Congresso Nacional - tanto no Senado, através do senador Eduardo Suplicy; como na Câmara, através dos deputados Luciano Zica e Miro Teixeira, já encontram-se pedidos de informação sobre os reais motivos da cisão de Furnas. Ainda no Senado, tramita um Projeto de Decreto Legislativo, de autoria do senador Pedro Simon, solicitando a anulação do protocolo de cisão.

Junto ao Judiciário, a Procuradoria Geral da República, no Rio de Janeiro, entrou com uma Ação Civil Pública contra a cisão.

Algumas prefeituras do Rio, ONG's, Clube de Engenharia, associação de empregados e sindicatos tem promovido manifestações no sentido de alertar a sociedade para mais esta ameaça.



F.

ACORDO COM A ELETROBRÁS NÃO FOI ASSINADO

Como a última proposta apresentada semana passada pelos representantes das empresas contraria tudo o que foi discutido com o presidente da Eletrobrás, Firmino Sampaio, em dezembro, o Coletivo Nacional dos Eletricitários quer conversar com ele novamente e, somente após esta reunião e consultada a categoria será assinado ou não o acordo coletivo. Até agora a Eletrobrás não respondeu ao pedido de reunião com Sampaio feito pelo CNE. Semana passada os prepostos apresentaram uma proposta para resolver os problemas pendentes do acordo e deram como último prazo para assinatura dia 4 de fevereiro (terça-feira). Segundo avaliações do CNE e da Intersul, que

se encontra reunida em Tubarão, assinar este acordo seria avalizar as empresas em questões como promoções aleatórias. Isto possibilitaria mais um "trem da alegria" com o reajuste de 2% da folha de pagamento para "trabalhadores com salários defasados em relação ao mercado", segundo a proposta. Também a cláusula de participação nos lucros, da forma como foi redigida não garante o seu pagamento.

O CNE aguarda resposta ao pedido de reunião com Sampaio e desenvolve o calendário de mobilizações já em andamento. Dia 24 de fevereiro o coletivo se reúne para discutir os passos a serem tomados a seguir.

Os funcionários que não foram contemplados com seus recursos de enquadramento na transposição do Plano de Cargos e Salários da Celesc devem, agora, elaborar um requerimento endereçado ao presidente da empresa. Este recurso deve conter o nome, matrícula, lotação e descrição mais detalhadas de suas tarefas e o motivo da não concordância. Se tiver, o funcionário deve anexar documento que comprovem isto. Procure o dirigente sindical para orientação mais precisa. O prazo para este recurso é até 28/02/97.

A diretoria da Celesc elencou uma série de medidas para reduzir custos na ordem de R\$ 28,65 milhões/ano. Haverá mais sobras? A austeridade visa diversos setores administrativos. Nada se falou porém em redução de grandes gratificações, licitações, gastos com empreiteiras e cobrança de grandes inadimplentes. Os trabalhadores devem discutir as alterações, como por exemplo, a modificação de horário de trabalho. A Intercel acompanhará de perto quaisquer mudanças e avisa que entrará com ações práticas e judiciais, caso sejam feridos os direitos dos trabalhadores.

A USINA MAIS CARA DO MUNDO

Hoje a Eletrosul vai inaugurar uma das mais caras usinas termoeletricas a carvão do mundo. Os recursos gastos em Jorge Lacerda IV impressionam e indignam qualquer cidadão. Dariam para duplicar duas vezes a BR-101 ou construir 50 mil casas populares.

Em consequência disto a energia produzida por Jorge Lacerda IV irá custar quatro vezes mais que o valor da energia atualmente cobrado pela Eletrosul. Durante vários anos, a Intersul denunciou este fato. Nunca foi ouvida. Ministros das Minas e Energia, representantes da Eletrobrás e do DNAEE de diferentes governos, por aqui passaram, visitaram a obra e prometeram voltar para inaugurá-la. Nenhum deles questionou seu custo e examinou seus gastos.

O setor elétrico em todo Brasil, com mais de 30 empresas estatais federais e estaduais necessita da ordem de US\$ 6 bilhões/ano em investimentos, com retorno garantido. O governo diz que não tem estes recursos e por isto privatizará o setor. Mas, ao mesmo tempo gasta de uma vez só US\$ 12 bilhões para salvar apenas dois bancos privados falidos.

Infelizmente até agora não se viu no governo FHC, que se diz democrático, uma discussão com a sociedade de forma transparente e aberta sobre os rumos do setor elétrico - tão importante para o desenvolvimento econômico e social do país.

FHC tem dito que as privatizações não são uma escolha ideológica mas uma adaptação aos "tempos modernos". E justifica seu ponto de vista alegando falta de recursos para investir no setor e a necessidade de alavancar recursos para os setores sociais (educação, saúde). Mas, quanto em recursos o BNDES, banco estatal público,

emprestou para ajudar na privatização do setor elétrico? Onde foi aplicado o dinheiro arrecadado com as privatizações? O que melhorou na área de educação e saúde? O que as privatizações geraram de desemprego?

Dados do amáurio dos trabalhadores 96/97, publicado pelo Dieese apontam que a falência do sistema público fez os gastos das famílias com saúde crescerem 60%. Hoje somente 12% dos brasileiros têm o primeiro grau completo. São mais de 2,1 milhões de desempregados só nas regiões metropolitanas de São Paulo, Porto Alegre, Brasília, Curitiba e Belo Horizonte. Enquanto a produtividade do trabalhador na indústria cresceu 49,18% entre 91/95 o salário mínimo, cruelmente, mantém apenas 17,71 % do poder aquisitivo de 1940.

Por isto, há pouca coisa a comemorar com a inauguração de Jorge Lacerda IV. Os eletricitários estão assistindo o desmantelamento de um trabalho de décadas e que tem atendido a todas necessidades da população. É a sociedade brasileira que terá que pagar pela política de terra arrasada do governo FHC, como já está ocorrendo na Argentina, onde o preço da energia elétrica depois da privatização subiu, a qualidade dos serviços caiu e o índice de desemprego já superou os 17%. A inauguração de Jorge Lacerda IV, no município de Capivari de Baixo - SC, embora importante para o setor elétrico e para a região sul, não pode ser festejada sem se questionar onde foi parar o dinheiro gasto absurdamente acima do valor orçado inicialmente para sua construção. Sem questionar a situação dos trabalhadores, desempregados e de todos os que necessitam do setor público.

Previ-Banerj está em perigo

Com a extinção do Banco do Estado do Rio de Janeiro (Banerj) mais um problema decorrente do processo de passar patrimônio público para a iniciativa privada veio à tona. Com um canetação, o ministro da Previdência, Reinhold Stephanes, liquidou em 12 de dezembro passado, o Previ Banerj, fundo de pensão dos trabalhadores do banco, autorizando a retirada da patrocinadora (Banerj) do fundo. A explicação foi a mais cinica possível: "para não prejudicar o leilão de privatização. O déficit da patrocinadora para com o fundo de pensão é muito alto e não poderia ser assumido pelas instituições interessadas na sua compra". Numa resolução publicada em meados de dezembro o ministério dizia que os participantes do Previ-Banerj teriam todos seus direitos assegurados. Segundo Stephanes, os participantes poderiam optar pelo pagamento à vista dos fundos correspondentes, calculados individualmente, ou pela transferência para outra entidade, fechada ou aberta de previdência privada. A dívida do Banerj para com o fundo porém teria "ido para o espaço". O Banerj teve sua liquidação extrajudicial decretada na última semana de dezembro e isto acabou se tornando um pesadelo para os participantes do Previ Banerj.



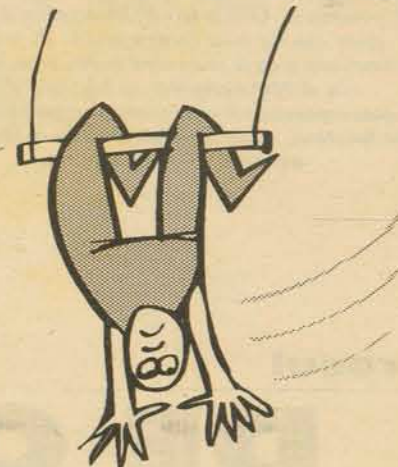
Na metade de janeiro, cerca de 3.500 aposentados do Banerj, começaram a sentir como vai ser difícil seu futuro. Os novos gestores do Banerj (o banco Bozano, Simonsen) deixaram de pagar a parcela de suplementação destes trabalhadores que vai de 40 a 70% dos benefícios. Com a liquidação extrajudicial os inativos do Previ-Banerj, se tornaram credores do banco em liquidação e não podem ser pagos antes dos demais credores.

Pior que isto foi a carta - convite à demissão - que os gestores mandaram aos empregados da ativa. A carta oferecia a transferência para o novo banco, onde a "reserva de poupança" (sem juros) de cada um constituiria um outro fundo complementar privado. Só que ao se transferir para o "novo" banco o trabalhador deixaria 50% das suas contribuições e 100% das contribuições do patrocinador para o Previ-Banerj. Traduzindo: isto significa desligar-se do antigo plano por vontade própria, sem receber nada.

Os sindicatos entraram em ação denunciando estes absurdos e a luta agora se processa na justiça. (leia mais sobre o assunto, no artigo ao lado).

EXPEDIENTE
Linha Viva é uma publicação semanal da Intersindical dos Eletricitários de Santa Catarina com tiragem de 6.100 exemplares. Conselho Editorial: Dinovado Gilioli, Arno Veiga Cugnier, Mauro G. Passos, Viviani Bleyer Remor, Antonio Valdir Vituri e Olga Leocádia Vieira. Editores: Marli Cristina Comazom (DP/RS4968) e Ilustrações: Frank Maia. Diagramado e composto na Estação de Editoração Eletrônica do Sindicato dos Eletricitários de Florianópolis. Impressão: Gráfica do jornal Diário Catarinense. Redação: Rua Lacerda Coutinho, 149, Fpolis, SC. CEP: 88015-030. Fone (048) 224-9114. Telefax: (048) 224-9104. Cartas para a Tribuna Livre não podem ter mais de 30 linhas, e sua publicação fica a critério dos editores. As matérias assinadas não correspondem necessariamente à opinião do jornal.

Celesc na mira da Procuradoria do Trabalho



SENHORAS E SENHORES, ... AGORA SEM A REDE DE PROTEÇÃO !!!



Fundos de Pensão

Onde o cão acaba mordendo o próprio rabo

Luiz Cezare Vieira
representante dos Empregados no Conselho de Administração da Celesc

Os Fundos de Pensão são as grandes vedetes do capitalismo contemporâneo. São eles que vem fornecendo parte da liquidez mundial responsável pelo movimento nas bolsas de valores e outras aplicações financeiras.

Eles movimentam uma soma astronômica de recursos no mundo inteiro e seus investimentos já ultrapassam as fronteiras nacionais. A previsão é que 2 trilhões de dólares circularão no mundo no ano 2000 à cata de lucros altos.

As duas faces da moeda

Aqui no Brasil eles detêm mais de R\$ 70 bilhões de ativos. No ano 2010 serão nada menos que R\$ 500 bilhões da poupança dos trabalhadores, representando uma importante fonte de investimentos para o aquecimento da economia. Um valor considerável, mas ainda modesto se comparável com o dinheiro movimentado hoje pelos Fundos de Pensão dos Estados Unidos (US\$ 4,5 trilhões); Alemanha (US\$ 3,3 trilhões); Japão (US\$ 1,5 trilhões); Inglaterra (US\$ 800 bilhões).

No mundo inteiro a tendência é do crescimento destes ativos que cada vez mais terão poder econômico e, portanto, político. Mas o grande paradoxo disto é que, ao mesmo tempo, os trabalhadores, os legítimos donos, não têm poder nenhum sobre os mesmos. Ao contrário, os Fundos de Pensão são instrumentos pelo neoliberalismo, que vem jogando nos ombros dos trabalhadores toda a crise que está passando o capitalismo mundial. Como isto acontece, poderíamos perguntar o leitor deste artigo: "Por que não são justamente estes fundos que garantem uma aposentadoria justa? Não são eles que, ao democratizando o capital brasileiro possibilitando que milhões de trabalhadores participem do capital acionário das empresas? Não estes fundos que vem sendo tratados como alternativa social até mesmo socialista, ao capitalismo selvagem?"

Morder o rabo

A resposta é simples. De fato, por um lado, o número crescente de trabalhadores no mundo inteiro depositam parte de seu salário para garantir a previdência no futuro. Até aí tudo bem. Estes recursos são administrados pelas diretorias dos fundos que contratam operadores especializados em investimentos financeiros. Estes operadores têm apenas um objetivo: garantir o retorno possível para o capital investido, para garantir a aposentadoria dos participantes. Diante dos trabalhadores não tem o que acontece com seu dinheiro, que pode tanto ser aplicado em investimentos que

Uma investigação comandada pela Procuradoria Geral do Trabalho, vai apurar as responsabilidades sobre os acidentes em morte acontecidos no início deste ano na Celesc. A Procuradoria recebeu na semana passada denúncia da Intercel sobre a recusa de funcionários da empresa em trabalhar com as interpostas e a documentação sobre as três mortes de empregados de empreiteiras a serviço da empresa. Por causa disso, dia 31 de janeiro, a convenção da Procuradoria Geral do Trabalho, a Intercel participou de uma audiência com a DRT na qual a Celesc (representada pelo novo diretor Oscar Falk) negou a responder várias perguntas.

Na audiência a Intercel demonstrou como a Celesc conta empresas de prestação de serviços nas mais diferentes áreas. Isto é ilegal por que se trata de áreas que lidam com o sistema elétrico, ou seja, a atividade da Celesc.

Oscar Falk, na audiência disse que a direção "administra a terceirização do jeito que bem entende" e declarou que as três mortes que aconteceram num período de 10 dias foram "uma coincidência".

A Intercel lembrou também

que no dia anterior à audiência, por um erro grosseiro praticado por uma empreiteira, uma residência foi destruída e vários aparelhos elétricos queimaram na praia de Palmas. Casos assim, que denigrem o nome da Celesc sem que seus funcionários tenham responsabilidade com as ocorrências, vem sendo denunciados pelos sindicatos há anos. Mas, apesar das inúmeras denúncias a diretoria da Celesc nunca tomou nenhuma providência "e eu duvido que venha a tomar", desabafou o diretor do Sinergia, Arno Cugnier, na Procuradoria. "Eles preferem deixar a culpa dos acidentes por conta dos defuntos".

A Intercel deixou com o procurador Marcelo Goulart, encarregado do assunto, novos documentos sobre a terceirização na empresa. Mesmo assim o procurador solicitou à Celesc, que num prazo de 10 dias úteis, entregue cópias dos contratos com todas as empresas terceirizadas, as últimas faturas de pagamento, os editais de licitação que tenham por objeto prestação de serviços nas áreas de operação, manutenção, construção e leitura, nos termos do artigo 8º, artigo 2º e 3º, da lei complementar 7593.

O Sinergia está movendo ainda um processo crime e de responsabilidade civil relativo à morte de um funcionário no final de janeiro de 1995, assim como os demais sindicatos.

Os representantes da DRT relataram ao procurador sobre o andamento da fiscalização em campo para apurar como são desenvolvidas as atividades dos empregados da Celesc e de empreiteiras. Comprometeu-se a remeter suas conclusões à procuradoria.

"Estas ações visam apurar responsabilidades. Há que se levar a sério a questão da segurança na empresa e nas empreiteiras e há que se acabar com a terceirização na Celesc", conclui Cugnier.

No mesmo dia da audiência, em entrevista à imprensa o presidente da Celesc, Paulo Tatim, explicava porque estava reivindicando aumento de tarifas ao DNAEE. Uma das suas justificativas é de que o aumento do custo de mão de obra subiu 50% desde maio de 94. "No primeiro ano do Plano Real o valor homem/hora girava em torno de R\$ 4,70. Nas últimas licitações o valor estava entre R\$ 7,80 e R\$ 8,00", comprovando assim o que os sindicatos dizem há muito tempo: terceirizar é muito mais caro para a Celesc.

função dos lucros que isto possibilitará aos fundos.

O que fazer?

Eis a questão. Respostas para isto exigem o questionamento do próprio sistema capitalista que transfere sua crise para os trabalhadores, quer através da invenção de tecnologias que dispensam o trabalho humano, quer através do crescimento do sistema financeiro especulativo sem nenhuma relação com a produção. Os Fundos de Pensão alimentam este moimho que tritura os próprios trabalhadores. Na luta de classes entre capital e trabalho, eles se posicionam ao lado do capital, cabendo a estes últimos apenas o fornecimento da "matéria prima".

A saída e a luta imediata, é pela democratização das entidades, com participação direta dos trabalhadores na administração dos recursos. A articulação de todos os fundos do país e do mundo com a definição de estratégias e políticas de investimento em contraposição à atual que só visa o lucro, seria uma próxima etapa. No Brasil estamos longe disto. A Previ, fundação dos empregados do Banco do Brasil, onde os trabalhadores elegem 14 dos 17 membros do Conselho, é uma exceção. A reforma da Previdência que será debatida em breve no Congresso Nacional, será um importante marco para o futuro dos Fundos de Pensão.

TRIBUNA LIVRE

Sobre Palavras e Significados

Fernando Quintanilha Veras
empregado/Eletrosul

Algumas palavras são utilizadas pela mídia com a finalidade de "passar", quase sempre, um significado do seu interesse - leia-se das elites dominantes. Estas palavras, com seus significados, são, infelizmente, logo absorvidas pela maioria das pessoas que passam então a utilizá-las amiúde. Neste sentido, entendo que a palavra terrorismo utilizada em artigo escrito pelo companheiro Benhour (artigo que afinal achei bom!) no Linha Viva de 30/01/97, não é adequada para designar as ações do MRTA. Mesmo achando e de certa maneira concordando com as suas conclusões, ou seja, que mobilizações massivas e articuladas podem ser mais efetivas do que atitudes guerrilheiras (atitudes que grande parte da esquerda condena como "foquismo"), entendo que não devemos simplesmente utilizar os termos referenciados pela mídia conservadora para rotular os caminhos que irmãos latino-americanos, sem espaço político/parlamentar, vêm sendo obrigados a usar. Por que não guerrilha/atos rebeldes, em lugar de terror/terrorismo? Exemplifico, a seguir algumas palavras que são muito utilizadas pelos conservadores ou "desatentos", que poderíamos interpretar à nossa maneira (algo rebelde) e ainda com sentidos "fraco" ou "forte". Vamos lá! Assim, parceria em um sentido "fraco" = "subsídios a empresários", em sentido "forte" = "mutretas"; "flexibilização do trabalho" em sentido "fraco" = retirada de direitos, e em sentido "forte" = olho da rua. Por aí iríamos com muitas outras palavras e sentidos. Talvez a análise cautelosa do sentido das palavras, tomadas em contextos sociais, políticos ou econômicos, seja o primeiro passo em uma longa e penosa jornada a ser trilhada no combate às injustiças sociais.

"Forças ocultas"

Ricardo Willy Stroher
empregado/Celesc

As transformações pelas quais tem passado o setor elétrico brasileiro, nos tem revelado surpresas desagradáveis.

Como se já não bastasse a política de globalização imposta pelo governo, cerceando o poder das entidades sindicais de exercerem pressão na garantia de mais conquistas, ou pelo menos na manutenção delas; ainda temos que confrontar-nos com "forças estranhas" no meio celesquiano.

"Forças que emperram o bom andamento da rotina de trabalho, expondo-nos às críticas da opinião pública, e dando discurso aos neoliberais da economia.

Este conchavo com interesses privados devem ser denunciados. E precisa detectá-los para que seja mantida a unidade da categoria, imprescindível nestes tempos.

Para muitos pode parecer utopia, mas ainda podemos reverter este quadro. Para isto, basta um pouco mais de profissionalismo, para juntos superarmos o individualismo, contemplando os interesses da coletividade.



Eu, etiqueta

Carlos Drummond de Andrade

Em minha calça está grudado um nome
que não é meu de batismo ou de cartório
um nome... estranho.

Meu blusão traz lembrete de bebida
que jamais pus na boca, nesta vida.
em minha camiseta, a marca de cigarro
que não fumo, até hoje não fumei.
Minhas meias falam de produto
que nunca experimentei
mas são comunicados a meus pés.
Meu tênis é proclama colorido
de alguma coisa não provada
por este provador de longa idade.
Meu lenço, meu relógio, meu chaveiro,
minha gravata e cinto e escova e pente,
meu copo, minha xícara,
minha toalha de banho e sabonete,
meu isso, meu aquilo,
desde a cabeça ao bico dos sapatos,
são mensagens, letras falantes,
gritos visuais,
ordens de uso, abuso, reincidência,
costume, hábito, premência,
indispensabilidade,
e fazem de mim homem-anúncio
itinerante,

escravo da matéria anunciada.

Estou, estou na moda.

É doce estar na moda, ainda que a moda
seja negar minha identidade,
trocá-la por mil, açambarcando
todas as marcas registradas,
todos logotipos do mercado.

Com que inocência demito-me de ser
eu que antes era e me sabia
tão diverso de outros, tão mim-mesmo,
ser pensante, sentinte e solidário
com outros seres diversos e conscientes

de sua humana, invencível condição.

Agora sou anúncio,
ora vulgar ora bizarro,
em língua nacional ou em qualquer
língua

(qualquer, principalmente).

E nisto me comprazo, tiro glória
de minha anulação.

não sou - vê lá - anúncio contratado.

Eu é que mimosamente pago
para anunciar, para vender
em bares festas praias pérgulas piscinas,
e bem à vista exibo esta etiqueta
global no corpo que desiste
de ser veste e sandália de uma essência
tão viva, independente,
que moda ou suborno algum a compromete.

Onde terei jogado fora
meu gosto e capacidade de escolher,
minhas idiossincrasias tão pessoais,
tão minhas que no rosto se espelhavam,
e cada gesto, cada olhar,
cada vinco da roupa
resumia uma estética?

Hoje sou costurado, sou tecido, sou
gravado de forma universal,
saio da estampa, não de casa,
da vitrine me tiram, recolocam,
objeto pulsante mas objeto
que se oferece como signo de outros
objetos estáticos, tarifados.

Por me ostentar assim, tão orgulhoso
de ser não eu, mas artigo industrial,
peço que meu nome retifiquem.
Já não me convém o título de homem,
meu nome novo é coisa.

Eu sou a coisa, coisamente.